MISSÃO A CUMPRIR(*)

EDUARDO CAMPOS

O Instituto do Ceará, escutai bem, pareceu-me, sempre, um organismo vivo, de trabalho, a servir. A idéia falsa de sodalício, de associação cultural em que os assuntos são discutidos ao toque da vaidade de cada um, é certo: não se gusta a êle. E se assim não fôsse, não teria aceito a generosa distinção que me concedestes, que para aqui não venho em busca de uma possível ociosidade, mas, ao contrário, trabalhar também. É a oficina, o lugar de trabalho, que interessa a êste jovem de trinta e três anos, provinciano e ligado umbelicalmente aos temas de sua infância, às recordações de um burgo geogràficamente obscuro e que, a exemplo de tôda expressão territorial, é núcleo de uma coletividade que vive, trabalha, pensa e folga. Não chego à vossa porta com a preocupação de dizer bem, do retórico abominável nem do intelectual que enche o vazio da sua existência com a falsa mecânica de uma literatura divorciada do povo. Considero-me, e desejo que me recebais assim, simples artezão, algumas vezes bronco ou inculto, mas profundamente interessado pelos destinos das Artes, das Letras, das Ciências, no que elas têm de respeito e de guarda aos princípios humanos.

Não é o intelectual que chega a esta casa de saber. É um obreiro, um vosso irmão de trabalho.

É ponto pacífico a não admitir discussão: em tôdas as sociedades, cêdo ou mais tarde, forçosamente, elementos mais dotados e desenvolvidos engastam-se em nova célula geratriz e formam as chamadas "élites". Embora seus direitos e deveres sejam os mesmos, em nível igual, conforme lembrou J. Ibelloni em seu extraordinário livro "Concepto y Praxis del Folklore como Ciencia", a sua atividade consiste "en elaborar constantemente um padrón de vida que cumple ante la masa el papel de "modelo", porque ésta lo considera la forma "culta" de la existencia". E acrescenta, ainda, o profundo estudioso: "El centro de acción de esa élite está formado por las grandes ciudades, y particularmente la capital política, y a veces la capital financiera; más raramente la capital moral o religiosa".

Esta classe, favorecida pelos meios de divulgação, pelo poder de veto às manifestações que considera de mau gôsto ou de condição de inferioridade, pode, se não manejada com critério, constituir um entrave ao desenvolvimento do estranho, complicado mas excepcional mecanismo que, nascendo no povo, elaborado por êle, forma o que entendemos ser o folclore.

As "élites" premidas, muitas vezes, pelas contingências da vida mo-

(*) — *Discurso de posse no Instituto do Ceará.* 16-11-56.

derna, entregando-se a diversões ociosas, sem se aperceberem, vão formando perigoso quisto integrado por aquêles que, satisfeitos e em contacto com os novos e falsos padrões artísticos, principiam a banir de sua existência uma ou outra manifestação de cunho folclórico que até ali se fazia presente. É o aprimoramento da burguesia em dissonância com esta ciência popular que na sua misteriosa transmissão, de geração a geração, se vai renovando, diàriamente.

O professor Roger Bastide, autor de numerosos trabalhos de estudos sôbre temas brasileiros, ao escrever sôbre o assunto. — "O Folclore da burguesia", ressalta com justiça que a "burguesia, talvez, mais do que qualquer outro corpo urbano constituido, é tradicionalista e conservador por definição, guardando vínculos, embora remotos, com os temas rurais", acrescentando, linhas adiante, com o mesmo espírito de clarividência, ser uma das qualidades fundamentais da burguesia o seu espírito de família.

Se as manifestações populares têm lugar no meio urbano e rural, com características mais definidas, é compreensível que pelo menos em nossa expressão geográfica, o que vale dizer, no Nordeste brasileiro, os elementos residuais de formação ou transformação dessa ciência sejam muito mais ricos ou abundantes na esfera rural.

Nesta jornada de pesquisas que vimos fazendo há mais de dez anos, à procura de fontes e dos valores do folclore de nossa terra, não desprezámos a idéia de que o sertão, representando a esfera rural, ou rústica, é o repositório, por excelência, de nossas tradições. Não se pode deixar de registrar: as nossas fontes mais puras lá se encontram. O versejador anônimo, o cantador que se acompanha no ritmo dolente da viola, não é sòmente o menestrel que relembra fragmentos de velhas histórias, de romances antigos, mas o astucioso e inteligente improvisador do "hinterland", que nos mostra seu talento e sua inspiração dentro dos cânones tradicionais de sua arte. Nesta existência rural, com os temas permanentes de colaboração, como os mutirões; com atitudes de indolência ou de decisão: diante das enfermidades, com a utilização mágica de sua medicina misteriosa, onde se cruzam e se encontram receitas e práticas de exorcismo comuns a povos mais antigos, de origem remota; na morte, diante de um ato irreparável, é ainda o sertanejo o homem que demonstra sobejas qualidades humanas, ao envolver o morto com uma aura de condescendente simpatia, perdoando-lhe as incompreensões, os pecados. Na organização primária de sua família, na luta pela vida, em seus momentos de prazer, é o homem do meio rural um ser permanentemente ligado ao sistema desconhecido, que faz gerar e crescer no tempo e no espaço decidida participação nesta contínua formação de remanescentes, muitas vêzes passando despercebido, incorporando-se à tradição sem que se possa, ao menos, explicar.

No Nordeste, não é temeridade afirmar, o meio rural é decisivo. E, fàcilmente, poder-se-á explicar sua participação positiva, pela ausência das "élites", o que, por outro lado, influenciando o meio urbano, poderá ameaçar ou modificar tôdas essas contribuições que surgidas da inspiração popular já se transformaram em prática generalizada.

O meio urbano, influenciado perigosamente pelas "élites" que aí se manifestam nas classes pretensamente burguesas, não se mostra capaz de continuar receptível às manifestações da arte e do engenho popular que nos chegam do meio rústico. Das várias tentativas que fizemos no estudo das comunidades rurais, resultou-nos sempre a idéia de que o deslocamento de pessoas para os centros mais desenvolvidos e a sua reprocura pelos elementos das "élites", respondem pela persistência das nossas sobrevivências folclóricas. Efetivamente, a influência dos representantes das coletividades rurais que na capital se entregam a ocupações domésticas é considerável. Por outro lado, não sòmente os que alugam seus serviços, em trabalhos domésticos, mas, igualmente, os que nascidos em ambiente rústico, por conveniência própria tiveram que

emigrar para as grandes cidades, evidenciam a maneira pela qual os centros mais populosos, tidos e havidos por citadinos, recebem a contribuição de seu comportamento diante da vida.

Entretanto, salta-nos aos olhos esta verdade: os sistemas políticos do mundo moderno, de um modo geral, quando não preparam "élites" de condições burguesas, formam grupos de administradores ou de orientadores que, embora tenham diferente formação social, pouco desassemelham daquelas em sua prática.

Chega um momento, como o que agora principiamos a viver, em que, tal é o progresso das Ciências, tal a soma de inventos e de melhoramentos introduzidos na vida moderna, para conveniência e prazer do homem, que os próprios divertimentos tomam características especiais. Vimos, nesta ordem de fatos, o Cinema-mudo ser superado pelo Cinema falado; o Cinema-falado colocar o Teatro em posição secundária, como fator de divertimento dos povos; o Rádio oferecer um meio mais rápido e encantador de comunicações e entretenimento musical; e, agora, a Televisão, fechando cinemas e fazendo a Arte Cinematográfica, para não fenecer, partir para novos inventos, para os Cinemascópios, Cineramas, Vitavisão, etc.

A classe mais dotada e bem instalada na vida — e consideremos ser essa a burguesia — embora formada entre nós alheia ao princípio tradicional, com seus componentes recrutados na própria sociedade urbana, entrosada ou ramificada com a sociedade rural, aos poucos vai se tornando desinteressada pela arte popular: já não se deixa atrair pelas encenações de pastoris, já não reclama, como o fazia há trinta anos, a ausência de espetáculos populares, não se interessa mais pela exibição dos auto-dramáticos, não sendo problema para sua consideração saber que, à falta de estímulo, o "boi", essa magnífica encenação popular, está fadado a desaparecer nas grandes cidades.

Se por um lado a ação da burguesia é de omissão, de esquecimento, por outro é perigosamente nociva pela influência que mantém nas áreas de seu domínio. O Cinema instala-se em quase tôdas as cidades do "hinterland", o Rádio torna-se um instrumento de divertimento do próprio povo. E é através dêles que se faz sentir esta influência, tornando a enorme massa humana de todo o sertão um organismo em espectativa, pronto a imitar e a receber os ditames da nova ordem imposta pelo Tempo.

É esta grande mas silenciosa luta, nobres companheiros, a que estamos assistindo e que a ela ainda não procurámos dedicar a nossa atenção. O trabalho de propagação do folclore rural, feito diligentemente pelos nossos serviçais domésticos, através de informações da tradicional fórmula da "mãe preta" — agora modificada para "Babá", porque os círculos mais desenvolvidos do sul do país assim julgaram de melhor efeito, dos remédios receitados empìricamente e que surtiam, muitas vêzes, o esperado e desejado efeito, as histórias simples, os versos, os ditados, tudo isto desaparece sob o trato da influência ditatorial do espírito das "élites", de uma gente que já não tem tempo para se deixar levar pela fantasia ou acreditar na fórmula mágica de um remédio se a própria mágica está contida em poderosos antibióticos que aniquilam mais de mil mazelas a um só tempo.

Cabe-nos, nesta hora, uma responsabilidade fora do comum. Não se está a exigir que façamos interpretações sociológicas a respeito dêsse fato que nos parece novo e duplamente ruinoso para o folclore do Nordeste. É chegado o momento do Instituto do Ceará manipular todos os seus recursos para oferecer à sociedade burguesa, que se destaca, como frisou o professor Roger Bastide, pelo seu espírito de família, os meios e a orientação de que carece para resguardar de condenável olvído as nossas manifestações populares.

O Instituto do Ceará tem a seu favor o trabalho notável de seu fundador, o Barão de Stuadrt. Se não bastasse o seu empenho de estudar

o Ceará, pelos seus aspectos históricos e geográficos, estaria a sustentar-lhe uma aura de prestígio, de simpatia, seu trabalho "Usos e Superstições cearenses", que apareceu em 1910 na Revista da Academia Cearense, obra de querença ao Ceará e ao seu povo, onde se encontram, ainda, em sua fórmula original, livre de qualquer influência, centenas de preciosas informações dos hábitos e costumes, das crendices e superstições de nossa gente rústica.

Alinhamos, ao lado do Barão de Studart, outros nomes (alguns já desaparecidos, infelizmente), como Rodrigues Carvalho e Leonardo Mota; os vivos e diligentes como Gustavo Barroso, lúcido e equilibrado, sempre dispôsto a interpretar e a descobrir os segredos que a inventiva popular esconde em suas práticas, Florival Seraine, Josa Magalhães e tantos outros.

É evidente que já não bastam os estudos de pesquisas, o trabalho isolado em procura de novas fontes e de expressões, quer seja do hinário popular, quer sejam das lendas ou das parlendas infantis, que fazem a delícia dos grupos sociais do Nordeste, principalmente os de nossa terra. É preciso provocar na sociedade urbana, já evoluindo para a pequena burguesia, onde se inquistam as "élites", um gôsto menos falso pelo popular do que aquêle dos bailes do "chitão" que não passam de grosseira caricatura do homem do campo. O baile caipira, que se salva pela sua boa inteção, serve também, acrescente-se, como pronunciamento afetivo das "élites" pelos temas mais humanos das sociedades rurais. Se melhor orientadas valeriam essas festas pela demonstração de um vivo interêsse pelos assuntos inerente ao povo. Convém melhor aproveitados, não se destacando nessas ocasiões o sentimento humilde ou atrasado do sertanejo, mas que ofereçamos aos que integram as "élites" a impressão verdadeira das qualidades de nossa gente dos sertões. Impõe-se a inclusão, nessas reuniões familiares, de recitativos inspirados na poesia campestre, de interpretação de números musicais de origem popular e notícia de lendas ou episódios que formam o romanceiro das feiras, e, sempre que possível, em reuniões de caráter mais amplo, a presença do próprio artista a nos encantar com a sua voz, com o seu talento.

Tratando dêsse assunto, sob outro aspecto, o mestre Arnold Van Gennep, em seu livro "O Folclore", esclarecia: "O folclore é a ciência que torna compreensíveis os laços que unem às coletividades dos nossos campos, os indivíduos superiores que deles sairam. É, acima de um conjunto de análises parciais, uma ciência de um amplo espírito de síntese". Quase todos nós, pelos efeitos de intercâmbio que existe entre os grupos humanos, temos pontos de contacto com o "hinterland", alguns de ordem familiar, outros simplesmente afetivos ou sentimentais, mas que nos asseguram de maneira permanente uma condição de querença pela sua gente humilde.

Daí ajustar-se aqui o conceito de Van Gennep, outro valioso testemunho que nos mostra a necessidade de zelarmos pelas nossas tradições, e não sòmente por elas, mas pelo que existe de mais vivo e mais profundo na expressão popular.

No instante em que penetro em tão augusta Casa, para fazer parte desta família de estudiosos e pesquisadores, não obstante a justa vaidade de participar de vosso convívio e os agradecimentos pela magnífica e generosa saudação que vosso intérprete me dirigiu, à qual fico eternamente desvanecido, não o faço com o determinado orgulho dos que desejam apenas honrarias.

Não vos trago, apenas, a minha determinação de trabalhar, mas um plano de proteção às manifestações do folclore rural, que já se dilui no urbano e, mais do que nunca, está ameaçado, pelo alheiamento utilitário dos tempos modernos, a ser relegado a plano inferior.

Se isso vos causa algum prazer, recebei-me com a disposição e a alegria com que chego à vossa oficina de trabalho.